

# A ESCOLA PORTUGUESA PELOS OLHOS DOS ADOLESCENTES

*The Portuguese School Through the Eyes of Adolescents*

*La Escuela Portuguesa por los Ojos de los Adolescentes*

Inês Nobre Martins Camacho

Marta Sofia Pereira dos Reis

Gina Maria Quinás Tomé

Cátia Branquinho

Margarida Gaspar de Matos

Universidade de Lisboa

---

## Resumo

Os jovens que referem gostar da escola apresentam mais comportamentos positivos associados, nomeadamente melhor desempenho académico e mais bem-estar. O presente estudo tem como objetivos: 1) compreender a relação existente entre o gosto pela escola e capacidade académica, e; 2) o que os jovens gostariam de mudar nas suas escolas; 3) verificar as variáveis que poderão prever o gosto pela escola e a capacidade académica percebida; 4) analisar as variáveis relacionadas com a escola nomeadamente a pressão com os trabalhos da escola, problemas com a escola, relação com os colegas da escola e com os professores. Participaram 6026 alunos do 6º, 8º e 10º ano de escolaridade que integraram o estudo Health Behaviour in School – Aged children (HBSC) em 2014. Os jovens que referem gostar muito da escola são os que não mudariam nada na sua escola e são os que têm mais confiança nos professores. Os alunos referem que as matérias são demasiado extensas, aborrecidas e mesmo inúteis salientando alguns a pressão dos pais para o sucesso escolar. Os resultados apontam para a necessidade de rever as políticas públicas existentes no ensino português sendo crucial intervir nas escolas, junto das famílias, professores e jovens.

*Palavras-chave:* capacidade académica, mudanças na escola, gosto pela escola, políticas públicas

## Abstract

Young people who reported to like school have more positive behaviors associated, including better academic performance and more well-being. This study aims to understand 1) the relationship between liking school and academic ability 2) what young people would like to change in their schools, 3) check the variables that may predict liking school and perceived academic ability 4) analyze the variables related to the school including pressure with school work, problems about school, relationship with classmates and teachers. 6026 students from 6<sup>th</sup>, 8<sup>th</sup> and 10<sup>th</sup> grades that integrated the study Health Behaviour in School - Aged children (HBSC) in 2014 participated. Young people that reported to like school very much are those who would not change anything in their school and are the ones who have more trust in teachers. Students report that school subjects are too extensive, too boring and even useless and referred some negative parental overpressure regarding school success. The results suggest the need to review existing policies in Portuguese education system pointing out that it is crucial to intervene in schools, with families, teachers and young people.

*Keywords:* school, perceived academic ability, changes in school, like school

## Resumen

Los jóvenes que reportaron que les gusta el colegio tienen comportamientos más positivos asociados, incluyendo un mejor rendimiento académico y un mayor bienestar. Este estudio tiene como objetivo comprender: 1) la relación entre el gusto por la escuela y la capacidad académica; 2) que les gustaría cambiar en sus escuelas; 3) determinar las variables que pueden predecir el gusto por la escuela y la capacidad académica percibida; 4) analizar las variables relacionadas con la escuela, incluyendo la presión con el trabajo escolar, problemas en la escuela, las relaciones con los compañeros y profesores. Participado 6026 alumnos de 6º, 8º y 10º grado que integraron el estudio Health Behaviour in School – Aged children (HBSC) em 2014. Los jóvenes que le gustan la escuela son aquellos que no cambiarían nada en su escuela y son aquellos que presentan más confianza en los maestros. Los estudiantes reportan que los materiales son demasiado grandes, aburrido e

incluso inútil, algunos subrayan la presión de los padres para el éxito escolar. Os resultados apontam para a necessidade de rever as políticas públicas existentes no ensino português sendo crucial intervir nas escolas, junto das famílias, professores e jovens.

Los resultados apuntan la necesidad de revisar las políticas públicas existentes en la enseñanza de portugués siendo crucial intervenir en las escuelas, junto a las familias, los maestros y los jóvenes.

*Palabras clave:* escuela, capacidad de la escuela, cambios en la escuela, gusto por la escuela.

A escola, para além de ser um local onde os jovens desenvolvem aprendizagens e processos educacionais, é também onde se promovem relações interpessoais importantes para facilitar o seu desenvolvimento pessoal e social (Ruini, 2009). É um local privilegiado no desenvolvimento de ferramentas que ajudam os jovens na utilização de estratégias de convívio com diversas situações e desafios (Frydenberg, 2008), nomeadamente na relação com o insucesso escolar, com as dificuldades de adaptação à escola e de regulação do comportamento pessoal e social. É responsável pela transmissão de padrões e normas comportamentais, tendo um papel crucial no processo de socialização da criança e do adolescente. É também capaz de unir variadas comunidades de pares e promover a autoestima e o desenvolvimento harmonioso entre jovens, sendo um espaço privilegiado de interações e encontros (Baptista, Tomé, Matos, Gaspar, & Cruz, 2008). O gosto e a satisfação pela escola, o apoio por parte dos professores, o suporte parental e a perceção de autonomia académica são fatores que têm sido associados ao bem-estar na adolescência (Suldo, et al., 2008; Danielsen, 2010; McGrath et al., 2009).

Os jovens que referem gostar da escola apresentam mais comportamentos positivos associados, nomeadamente: melhor desempenho académico, maiores níveis de resiliência e comportamentos de saúde associados (Lippman & Rivers, 2008; Carter, McGee, Taylor, & Williams, 2007). Se por um lado a satisfação com a escola está positivamente associada ao aumento da motivação para a aprendizagem, sendo o desempenho académico escolar diretamente influenciado pelas capacidades de os jovens compreenderem e regularem as suas emoções (Varasteanu & Iftime, 2013), por outro está negativamente associada a comportamentos desviantes no grupo de pares (Wu, Chong, Cheng, & Chen, 2007; Camacho, Tomé, Matos, Gamito, & Diniz, 2010) e ao comportamento antissocial (Roth e Brooks-Gunn, 2000).

Os adolescentes passam uma grande parte de seu dia na escola, as experiências aí vividas não afetam

somente o seu desempenho académico, mas também têm influência no seu desenvolvimento social e emocional. Estudos sugerem que o envolvimento e a disciplina na escola influenciam a sensação de sucesso e existência de expectativas no futuro (Piko & Kovács, 2010). Jovens que tenham boa relação com os professores e os colegas apresentam menores índices de comportamentos de risco e menores taxas de abandono escolar (Yibing et al., 2011). Uma perceção negativa da escola aumenta a probabilidade de envolvimento em comportamentos de risco, do absentismo escolar, do envolvimento em lutas e o porte de armas (Kasen, Barenson, Cohen, & Johnson, 2004).

Segundo o estudo Health Behaviour School-aged Children (HBSC) que conta com a participação de 44 países (Inchley et al., 2016), tomando o último estudo realizado em Portugal em 2014 houve uma descida da frequência de jovens que referem gostar da escola comparando este estudo com o estudo anterior de 2010 (Matos et al., 2012, 2015). Os jovens portugueses comparados com os jovens europeus de acordo com mais do que um estudo internacional (HBSC e PISA) são dos que apresentam pior realização escolar quer em resultado de provas quer na sua perceção. Habitualmente referem gostar da escola; no entanto, esse gosto refere-se mais aos recreios, à relação com os colegas e com algumas atividades ou com alguns professores, e tem vindo a diminuir (Matos et al., 2015).

O Conselho Nacional de Educação (CNE) apresentou recentemente um relatório sobre o Estado da Educação 2015 (CNE, 2016) com base no estudo do HBSC nas suas últimas cinco séries (1998, 2002, 2006, 2010 e 2014) salientam que os alunos que referem gostar muito da escola apresentam as percentagens mais elevadas quanto a não sentir pressão com os trabalhos de casa (47,1%). Quando se relaciona a opinião dos alunos sobre “perceção do desempenho na escola” e “gostar da escola”, os dados do estudo HBSC de 2014 referem que os adolescentes portugueses que gostam muito da escola apresentam as percentagens

mais elevadas na percepção académica percebida (percepção do que os seus professores pensam acerca da capacidade académica).

Com base em todos os estudos referidos, e com base na realidade portuguesa, o presente estudo pretende compreender analisar dados quantitativos e qualitativos do estudo HBSC em Portugal estudando a relação existente entre o gosto pela escola e capacidade académica, e o que os jovens gostariam de mudar nas suas escolas. Pretende-se igualmente verificar as variáveis que poderão predizer o gosto pela escola e a capacidade académica percebida. Além do anteriormente referido, pretende-se analisar as variáveis relacionadas com a escola, nomeadamente a pressão com os trabalhos da escola, problemas sentidos na escola, relação com os colegas da escola e com os professores.

## MÉTODO

### Participantes

De modo a obter uma amostra representativa da população escolar portuguesa, no estudo HBSC 2014 foram selecionados 36 agrupamentos de escolas do ensino regular de todo o país (Portugal Continental) e 473 turmas. A amostra foi estratificada por regiões do país (cinco regiões escolares): na região Norte, foram sorteados doze agrupamentos de escolas e 174 turmas; na região Centro, oito agrupamentos de escolas e 74 turmas; na região de Lisboa e Vale do Tejo, nove agrupamentos de escolas e 101 turmas; na região do Alentejo, quatro agrupamentos de escolas e 55 turmas; e na região do Algarve, três agrupamentos de escolas e 59 turmas.

De acordo com o protocolo de aplicação do questionário *Health Behaviour in School-aged Children* (HBSC) para 2014 (Currie, Samdal, Boyce, & Smith, 2001), a técnica de escolha da amostra foi a *cluster sampling*, em que o *cluster*, ou unidade de análise, foi a turma.

Relativamente à taxa de resposta obtida diante do número de agrupamentos selecionados (36) reponderam 35 agrupamentos, obtendo-se uma taxa de resposta de 97,2%. Relativamente às turmas selecionadas para participar no estudo (473) em que se obteve resposta de 381 turmas –80,5% de resposta. Pelo facto de ter sido aplicado o questionário online, não foi possível estabelecer a taxa de resposta por aluno com precisão. Estimando-se, no entanto, a existência de 20 alunos por turma, responderam 6026 jovens

correspondendo a uma taxa de resposta individual estimada de 79%. A amostra ficou constituída por 47,7% de rapazes e 52,3% de raparigas. Detalhes sobre o estudo e aspectos metodológicos no estudo português podem ser consultados no relatório referente a todos os dados portugueses (Matos et al., 2015). Questionário anónimo e confidencial.

[http://aventurasocial.com/arquivo/1437158618\\_RELATORIO%20HBSC%202014e.pdf](http://aventurasocial.com/arquivo/1437158618_RELATORIO%20HBSC%202014e.pdf)

### Materiais

O questionário internacional, para cada estudo HBSC, é desenvolvido através de uma investigação cooperativa entre os investigadores dos países. O questionário “Comportamento e saúde em jovens em idade escolar” utilizado neste estudo foi o adotado no estudo internacional do HBSC – *Health Behaviour in School-aged Children* (Currie et al., 2001), cujos resultados quantitativos estão detalhados no relatório nacional do estudo (Matos et al., 2015).

Em Portugal, à semelhança dos outros países envolvidos, foram incluídos todos os itens obrigatórios do questionário, abrangendo aspectos da saúde em nível demográfico, comportamental e psicossocial. Todas as questões seguiram o formato indicado no protocolo internacional (Currie et al., 2001). Na presente análise, foram utilizadas as variáveis referentes à escola: o gosto pela escola; o que gosta na escola; o que mudaria na escola; problemas identificados referentes à escola; o que mudaria na escola; relação com os colegas; e professores e capacidade escolar percebida.

### Procedimento

Após a seleção das escolas, essas foram contactadas telefonicamente no sentido de confirmar sua disponibilidade para colaborar no estudo.

A recolha de dados foi realizada através de um questionário online, em janeiro de 2014. Os questionários foram aplicados às turmas em sala de aula. Os grupos escolhidos para aplicação dos questionários frequentavam o sexto ano (35,8%), o oitavo ano (39,1%) e o décimo ano (25,1%) de escolaridade, procurando encontrar assim um máximo de jovens com 11, 13 e 15 anos de idade ( $M = 13.77$ ,  $DP = 1.68$ ). Segundo o protocolo internacional (Currie et al., 2001), pretendia-se aproximadamente 1500 jovens de cada escalão etário em todos os países participantes.

Foram enviados, via e-mail, para a direção de todas as escolas participantes, uma carta dirigida ao Diretor, apresentando o estudo bem como os procedimentos com os links correspondentes a cada ano de escolaridade, uma *password* para cada uma das turmas participantes (sem a *password* não seria possível o preenchimento do questionário) e o formulário do pedido de consentimento informado para entregar aos pais.

Antes do preenchimento dos questionários informava-se que a resposta era voluntária, confidencial e anónima; o questionário de autopreenchimento foi realizado em sala de aula numa sala de informática, sob supervisão do professor da especialidade, e deveria ser preenchido num período de tempo entre 60-90 minutos. O estudo teve a aprovação da Comissão de Ética do Hospital de S. João no Porto.

### Análise dos Dados

Os dados provenientes do *Limesurvey* foram transferidos para uma base de dados no programa “Statistical Package for Social Sciences – SPSS

– Windows” (versão 22.0) e procedeu-se à sua análise estatística (análise descritiva, teste Qui-Quadrado e Regressão Logística). As informações relativas às transformações que os alunos desejavam para as suas escolas foram categorizadas e classificadas também no SPSS.

## RESULTADOS

Relativamente ao gosto pela escola, 55,5% dos alunos referem que gostam mais ou menos da escola e 17,6% referem que gostam muito da escola.

Quando questionados sobre o que gostariam de mudar na escola para a tornar melhor, cerca de 13,1% dos jovens referem que gostariam de melhorar as estruturas físicas (ex: “aumentar o espaço dos balneários”, “colocar aquecimento nas salas”, “arranjar as casas de banho”); 10,4% não mudariam nada; 10,1% mudariam a comida (ex: “a comida da cantina poderia ser melhor e mais variada”) e 6,2% dos alunos referem que gostariam de ter menos carga horária (ex: “menos tempo de aulas”, “menos carga horária”) (ver Tabela 1 – opções com mais de 1% de escolhas).

Tabela 1  
*O que mudariam na escola (N = 2937)*

Se pudesse o que fazia para tornar a minha escola melhor	N	%
Estruturas físicas (“aumentar o espaço dos balneários”, “colocar aquecimento nas salas”, “arranjar as casas de banho”)	386	13,1
Nada	304	10,4
Comida (“comida melhor e mais variada”)	297	10,1
Menos carga horária (“menos tempo de aulas”, “menos carga horária”)	228	7,8
Mais tempo de intervalo	221	7,5
Não sei	136	4,6
Mais estruturas de lazer (“uma sala de convívio”)	120	4,1
Mais atividades extracurriculares (“clube de teatro”, “mais atividades extra curriculares”)	107	3,6
Aulas mais dinâmicas (“aulas mais divertidas com jogos”, “aulas interativas”)	104	3,5
Expulsão dos jovens com problemas de comportamento	89	3,0
Mudar as atitudes dos alunos (“alunos respeitassem uns aos outros”)	89	3,0

Dos jovens inquiridos 1,6% referem não gostar nada dos colegas, enquanto 54,1% referem gostar muito.

Cerca de 1,9% dos jovens refere que não gosta nada dos intervalos enquanto 57,5% referem gostar muito. Quando questionados sobre o quanto gostam dos professores, 6,5 % referem que não gostam nada,

enquanto 15,5% referem que gostam muito. Quando colocada a mesma questão, mas referente a gostar das aulas, 12,4% dos jovens referem que não gostam nada, e 9,5% referem que gostam muito. Cerca de 22,6% dos jovens referem que não gostam nada da comida, e cerca de 10,2% referem que gostam muito da comida que comem na escola (ver Tabela 2).

Tabela 2  
Distribuição dos sujeitos pelo que gostam na escola

	Não gosto nada		2		3		4		Gosto muito	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Gostar da comida	1292	22.6	1089	19.0	1605	28.1	1150	20.1	581	10.2
Gostar das aulas	711	12.4	870	15.1	1927	33.5	1697	29.5	545	9.5
Gostar de atividades extra-curriculares	589	10.3	414	7.3	1235	21.6	1565	27.4	1904	33.4
Gostar dos professores	374	6.5	570	9.9	1713	29.7	2219	38.5	892	15.5
Gostar dos intervalos	107	1.9	158	2.7	538	9.3	1652	28.6	3323	55.1
Gostar dos colegas	92	1.6	117	2.0	537	9.3	1907	33.0	3130	54.1

Relativamente à pressão sentida pelos trabalhos de casa, 32,4% referem que não sentem nenhuma pressão, enquanto 27,7% sentem alguma, e 9,3% muita.

Quando questionados sobre os problemas que identificam na escola, 73,5% dos jovens refere que é porque às vezes a matéria é difícil, 60,9% porque

é demasiada matéria e 61,8% refere que é porque a matéria é aborrecida. Cerca de 54,8% refere que nunca ou quase nunca a matéria é inútil, e 48,4% que o ambiente da escola não ter problemas. No que diz respeito à pressão que sentem por parte dos pais, para terem boas notas, cerca de 42,9% referem que às vezes sentem essa pressão (ver Tabela 3).

Tabela 3  
Distribuição dos sujeitos pelos problemas identificados na escola

	Sempre/ quase sempre		Às vezes		Quase nunca/nunca	
	N	%	N	%	N	%
Demasiada matéria	1342	23.4	3497	60.9	902	15.7
Pressão por parte dos pais para ter boas notas	1243	21.7	2462	42.9	2035	35.5
Matéria aborrecida	1144	20.0	3536	61.8	1044	18.2
Ambiente da escola ter problemas	651	11.4	2304	40.2	2772	48.4
Matéria difícil	645	11.2	4229	73.5	883	15.3
Matéria inútil	589	10.3	1988	34.9	3120	54.8

Quando questionados sobre o que acham dos seus colegas de turma, 71,6% dos jovens concordam que os colegas gostam de estar juntos, 77,7% concordam que os colegas são simpáticos e prestáveis, 76,9% concordam que os colegas os aceitam tal como eles são, e apenas 13,3% referem que se sentem colocados de lado.

No que diz respeito ao que acham relativamente aos professores, 79,8 dos jovens concordam que os professores os aceitam tal como são, 63,5% concordam que os professores se interessam por eles como pessoas, e 56,2% sentem confiança nos professores (ver Tabela 4).

Tabela 4  
*Distribuição dos sujeitos pela opinião que têm sobre colegas e professores*

	Concordo		Nem concordo nem discordo		Discordo	
	N	%	N	%	N	%
Professores aceitam-me como sou	4629	79.8	885	15.3	284	4.9
Professores interessam-se por mim como pessoa	3685	63.5	1691	29.2	422	7.2
Sinto muita confiança nos meus professores	3260	56.2	1864	32.1	674	11.6
Colegas são simpáticos e prestáveis	4503	77.7	934	16.1	363	6.2
Colegas aceitam-me como eu sou	2459	76.9	977	16.8	364	6.3
Colegas gostam de estar juntos	4151	71.6	1317	22.7	332	5.7
Sinto-me posto de lado por ser como sou	775	13.3	708	12.2	4317	74.4

Cerca de 51,4% dos jovens referem que sua capacidade escolar é muito boa/boa, enquanto 48,5% referem que é média/inferior à média.

Quando comparados os jovens relativamente ao gosto pela escola (gosto muito; não gosto nada) e o que mudariam na sua escola (com base nas 10 maiores percentagens – Tabela 2), observa-se que os jovens que gostam muito da escola são os que não

mudariam nada na sua escola (19%,  $\chi^2=92.708$ , gl.=18,  $p\leq.001$ ) e colocariam mais estruturas de lazer (11.3%,  $\chi^2=92.708$ , gl.=18,  $p\leq.001$ ). Os outros jovens (gostam mais ou menos da escola) são os que referem que mudariam as estruturas físicas (18.6%,  $\chi^2=92.708$ , gl.=18,  $p\leq.001$ ) e gostariam de ter aulas mais dinâmicas (5.2%,  $\chi^2=92.708$ , gl.=18,  $p\leq.001$ ) (ver Tabela 5).

Tabela 5  
*Distribuição do que gosta na escola pelo gosto pela escola*

	Gosto muito da escola		Não gosto nada da escola		Outros		Total	$\chi^2$	gl.
	N	%	N	%	N	%			
Estruturas Físicas	61	16.8	23	9.9	302	18.6	1294	92.708***	18
Nada	69	19.0	34	14.7	201	12.3			
Comida	56	15.4	13	5.6	228	14.0			
Outro	42	11.5	61	26.3	188	11.5			
Mais tempo de intervalo	29	8.0	26	11.2	165	10.1			
Menos carga horária	20	5.5	28	12.1	153	9.4			
Mais estruturas de lazer	41	11.3	13	5.6	124	7.6			
Não sei	15	4.1	17	7.3	104	6.4			
Mais atividades extracurriculares	22	6.0	6	2.6	79	4.9			
Aulas mais dinâmicas	9	2.5	11	4.7	84	5.2			

\*\*\* $p\leq.001$

Quando comparados os jovens relativamente à capacidade académica percebida (muito boa/boa; média e inferior à média) e o que mudariam na sua escola, pode-se observar que os jovens que referem que a sua capacidade é muito boa/boa são os que mudariam as estruturas físicas de sua escola (19,4%,  $\chi^2=75.347$ , gl.=18,  $p\leq.001$ ), a comida (15,3%,  $\chi^2=92.708$ ,

gl.=18,  $p\leq.001$ ), gostariam de ter mais estruturas de lazer (9,2%,  $\chi^2=92.708$ , gl.=18,  $p\leq.001$ ). Os jovens que referem que sua capacidade académica é média são os que referem que não sabem o que mudariam na sua escola (8,7%,  $\chi^2=92.708$ , gl.=18,  $p\leq.001$ ) (ver Tabela 6).

Tabela 6  
*Distribuição do que gosta na escola pela capacidade académica percebida*

	Muito boa/Boa		Média		Inferior à Média		Total	$\chi^2$	gl.
	N	%	N	%	N	%			
Estruturas Físicas	225	19.4	149	16.1	12	8.6	1294	75.347***	18
Nada	156	13.5	134	14.5	13	9.3			
Comida	177	15.3	107	11.6	13	9.3			
Outro	142	12.3	112	12.1	36	25.7			
Mais tempo de intervalo	114	9.8	93	10.1	13	9.3			
Menos carga horária	90	7.8	88	9.5	23	16.4			
Mais estruturas de lazer	107	9.2	63	6.8	8	5.7			
Não sei	46	4.0	80	8.7	10	7.1			
Mais atividades extracurriculares	54	4.7	46	5.0	7	5.0			
Aulas mais dinâmicas	47	4.1	52	5.6	5	3.6			

\*\*\* $p \leq .001$

Foram efetuadas duas análises de regressão logística com o objetivo de avaliar os fatores preditores do gosto pela escola e pela capacidade académica percebida. As variáveis gosto pela escola (1 – gosta da escola; 0 – não gosta da escola) e a capacidade académica foram dicotomizadas (1 – boa capacidade académica; 0 – má capacidade académica). Todas as variáveis incluídas na regressão foram dicotomizadas.

Na primeira análise de regressão referente ao gosto pela escola, obteve-se um modelo ajustado (Hosmer e Lemeshow  $\chi^2 = 0.98$  (2)  $p = .197$ ) e a equação de regressão explicou 21% da variância (Nagelkerke  $R^2 = .20.6$ ). Nesse modelo, a explicação da condição “gosto da escola” fez-se pelas variáveis capacidade escolar (os que referem que sua capacidade

académica é inferior gostam menos da escola), a matéria ser aborrecida (os adolescentes que gostam mais da escola são os que sentem preocupação da matéria ser aborrecida), gostar dos intervalos (jovens que gostam da escola são os que gostam menos dos intervalos), gostar das aulas (os jovens que gostam da escola gostam mais das aulas) e a confiança que sentem nos professores (os jovens que gostam mais da escola são os que confiam mais nos professores) (ver Tabela 7).

Numa segunda análise de regressão logística referente à capacidade escolar percebida e colocando todas as variáveis colocadas no modelo anterior, obteve-se um modelo não ajustado (Hosmer e Lemeshow  $\chi^2 = 0.154$  (3)  $p = .001$ ).

Tabela 7  
*Regressão Logística das variáveis preditoras do gosto pela escola (N=1171)*

	B	Sig.	OR	95% I.C.	
				Inferior	Superior
Capacidade escolar	-,932	,000	,200	,266	,583
Matéria ser difícil	-,058	,817	,250	,578	1,540
Demasiada matéria	-,212	,401	,252	,494	1,326
Matéria ser aborrecida	-1,128	,000	,220	,210	,498
Matéria ser inútil	,159	,415	,195	,800	1,717
Pressão por parte dos pais para ter boas notas	-,131	,486	,188	,607	1,268
Mau ambiente da escola	-,057	,759	,186	,656	1,360
Gostar intervalos	-1,185	,012	,470	,122	,768
Gostar aulas	1,002	,021	,434	1,163	6,375
Gostar comida	,268	,260	,238	,820	2,086
Gostar atividades extracurriculares	-,139	,644	,301	,482	1,570
Alunos gostam de estar juntos	,181	,382	,207	,799	1,798
Colegas são simpáticos	,062	,794	,238	,667	1,698
Colegas aceitam como eu sou	-,263	,277	,242	,479	1,235
Sinto-me colocado de lado	-,818	,000	,229	,282	,692
Professores aceitam-me como eu sou	-,136	,728	,873	,565	1,839
Professores interessam-se por mim como pessoa	-,825	,001	,258	,264	,728
Tenho confiança nos professores	-,707	,001	,221	,319	,761
Constante	,166	,792	1,181		

$R^2_N = .206$ ;  $\chi^2_{HL} p = 0.98$ ; .197

## DISCUSSÃO

A presente análise tem como objetivos não só compreender a relação existente entre o gosto pela escola e capacidade académica, e o que os jovens gostariam de mudar nas suas escolas, mas também verificar as variáveis que poderão predizer o gosto pela escola e a capacidade académica percebida. Surge ainda como objetivo, analisar as variáveis relacionadas com a escola nomeadamente a pressão com os trabalhos da escola, problemas identificados na escola, relação com os colegas da escola e com os professores.

Observa-se que mais de metade dos jovens inquiridos do 6º, 8º e 10º ano de escolaridade gostam mais ou menos da escola. Segundo o relatório de 2015 referente à educação em Portugal (Miguéns, 2016) e com base neste estudo HBSC (Matos et al., 2015), o gosto pela escola por parte dos jovens em Portugal tem vindo a diminuir tal como os autores do estudo HBSC em Portugal vinham já a alertar. Essa diminuição remete para uma possível mudança de atitude dos jovens perante a escola.

Os resultados do presente estudo demonstram que quando questionados sobre o que mudariam na sua escola, cerca de 12% gostariam de mudar as estruturas físicas, 9,4% não mudaria nada e 9,2%

mudaria a comida. Ao relacionar esses dados com o gosto pela escola e a capacidade académica percebida, observa-se que os jovens que gostam muito da escola não mudariam nada na sua escola; por outro lado, os que referem que têm muito boa/boa capacidade académica mudariam as estruturas físicas. Estudos referem que os jovens que gostam da escola têm associado um maior bem-estar (Suldo et al., 2008; Danielsen, 2010; McGrath et al., 2009) e menos comportamentos de risco (Yibing et al., 2011). Torna-se evidente que o gosto pela escola surge como fator de proteção na vida do adolescente. O facto do gosto pela escola estar a diminuir em Portugal, associado à fraca posição de Portugal no estudo HBSC internacional desde o início da inclusão (Currie et al., 2000; Currie et al., 2014), remete para a necessidade de repensar toda a dinâmica escolar e o papel que cada agente educativo no processo de aprendizagem. Com programas curriculares extensos, elevada carga horária, aulas percebidas como pouco dinâmicas, ajuda percebida como insuficiente para os jovens com dificuldades de aprendizagem, fraca relação entre a escola e a família, apontam para um maior risco de afastamento dos jovens, desmotivados para a aprendizagem e com pouco gosto pela escola. O estudo desenvolvido por Kasen e seus colaboradores



(2004) reforçam que uma percepção negativa da escola aumenta a probabilidade de envolvimento em comportamentos de risco e o absentismo escolar.

Para além dos extensos currículos programáticos nas escolas portuguesas surge a pressão sentida com os trabalhos de casa. No presente estudo, observa-se que cerca de 28% dos jovens sentem alguma pressão com os trabalhos de casa, tendo esse valor vindo a aumentar desde 1998 (Matos et al., 2015). No que diz respeito às opiniões relativas aos problemas na escola, cerca de 74% referem que, às vezes, a matéria é difícil, cerca de 43% dos jovens referem que às vezes se sentem pressionados pelos pais para terem boas notas.

Além do gosto pela escola, uma boa relação com os pais e o suporte por parte dos professores parecem ter um papel muito importante na satisfação pela vida escolar, que está associada à da motivação para a aprendizagem (Varasteanu & Iftime, 2013). A maioria dos jovens portugueses refere que os professores os aceitam tal como eles são (79,8%) e concorda que os professores se interessam por eles como pessoas (56,2%) e ainda referem que confiam nos professores (56,2%). Relativamente aos colegas, os jovens inquiridos referem que os colegas gostam de estar juntos (71,6%) que são simpáticos e prestáveis (77,7%) e que os colegas os aceitam tal como eles são (76,9%) .

Na presente análise, reforça-se a ideia que os jovens que referem que sua capacidade académica é inferior à média são os que gostam menos da escola e que os jovens que gostam mais da escola são os que confiam mais nos professores, mas também os que mais referem achar as matérias inúteis.

Os resultados mostram que mais de metade dos jovens portugueses gostam mais ou menos da escola e identificam problemas relativamente à escola. Os jovens que referem gostar muito da escola são os que não mudariam nada na sua escola e são os que têm mais confiança nos professores. O gosto pela escola tem vindo a diminuir ao longo dos anos desde 1998 de acordo com o estudo HBSC, e a percepção de sucesso académico não tem melhorado, os alunos referem que as matérias são demasiado extensas, aborrecidas e mesmo inúteis, salientando alguns a pressão dos pais para o sucesso escolar. Os resultados apontam para a necessidade de rever as políticas públicas existentes no ensino português sendo crucial intervir nas escolas, junto das famílias, professores e jovens. Parece importante não só repensar os programas curriculares, mas também a metodologia de ensino usada, salientando

a importância de aulas mais dinâmicas adaptadas às novas tecnologias a que os jovens de hoje têm acesso e ajudando os alunos a manter uma motivação e uma participação mais ativa no processo de aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

- Baptista, I., Tomé, G., Matos, M. G., Gaspar, T., & Cruz, J. (2008). A Escola. In M. G. Matos, & D. Sampaio. *Jovens com Saúde-Diálogo com uma geração* (pp. 197-214). Lisboa: Texto.
- Camacho, I., Tomé, G., Matos, M., Gamito, P., & Diniz, A. (2010). A escola e os adolescentes: Qual a influência da família e dos amigos? *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*, 1, 101-116.
- Carter, M., McGee, R., Taylor, B., & Williams, S. (2007). Health outcomes in adolescence: Associations with family, friends and school engagement. *Journal of Adolescence*, 30, 51-62.
- Currie, C., Samdal, O., Boyce, W., Smith, R. (2001). *Health Behaviour in School-Aged Children: A Who Cross-National Study (HBSC)*. Research Protocol for the 2001/2002 Survey: Child and Adolescent Health Research Unit (CAHRU). University of Edimburg.
- Currie, C. et al. (eds.) (2012). *Social determinants of health and well-being among young people*. Health Behaviour in School-aged Children (HBSC) study: international report from the 2009/2010 survey. Copenhagen, WHO Regional Office for Europe, 2012 (Health Policy for Children and Adolescents, n. 6).
- Danielsen, A., G. (2010). Supportive and Motivating Environments in School: Main Factors to Make Well-Being and Learning a Reality. *Norsk Epidemiology*, 20, 33-39.
- Frydenberg, E. (2008). *Adolescent Coping*. Nova York: Psychology Press.
- GTEs (2005). *Relatório Final*, do Grupo de Trabalho para a Educação Sexual, constituído a partir do despacho n. 19737 /2005, do Gabinete da Ministra de Educação: Lisboa. Recuperado de: <http://www.dgidc.min-edu.pt/EducacaoSexual>
- Inchley, J. et al. (2016). *Growing up unequal. Gender and socioeconomic differences in young people's health and well-being*. *Health Behaviour in School –Aged Children (HBSC) Study: International Report From the 2013/2014 Survey*. Dinamarca: World Health Organization.

- Kasen, S., Barenson, K., Cohen, P., & Johnson, J. (2004). The effects of school climate on changes in aggressive and other behaviors related to bullying. In S. M. Swarr, & D. L. Espelage. *Bullying in American schools: A social-ecological perspective on prevention and intervention* (pp. 187-210). Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Lippman, L., & Rivers, A. (2008). *Assessing school engagement: a guide for out-of-School time program practitioners*. Washington, DC: Child Trends.
- Matos, M. G., Simões, C., Tomé, G., Camacho, I., Ferreira, M., Ramiro, L., Reis, M., Gaspar, T., Veloso, S., Loureiro, N., Borges, A., Diniz, J., & Equipa Aventura Social (2012). *Aventura Social & Saúde, A Saúde dos adolescentes portugueses – Relatório Final do Estudo HBSC 2010*. Lisboa: Centro Malária e Outras Doenças Tropicais/IHMT/ UNL; FMH/Universidade Técnica de Lisboa. Recuperado de: [www.aventurasocial.com](http://www.aventurasocial.com)[http://aventurasocial.com/arquivo/1334762276\\_Relatorio\\_HBSC\\_2010\\_PDF\\_Finalissimo.pdf](http://aventurasocial.com/arquivo/1334762276_Relatorio_HBSC_2010_PDF_Finalissimo.pdf)
- Matos, M., Simões, C., Camacho, I., Reis, M. (2015). *A Saúde dos Adolescentes Portugueses em tempos de recessão*. HBSC 2014. Lisboa: CMDT/ DGS/ FMH/ Recuperado de: [www.aventurasocial.com](http://www.aventurasocial.com)[http://aventurasocial.com/arquivo/1437158618\\_RELATORIO%20HBSC%202014e.pdf](http://aventurasocial.com/arquivo/1437158618_RELATORIO%20HBSC%202014e.pdf)
- McGrath, B., Brennan, M. A., Dolan, P., & Barnett, R. (2009) Adolescent Well-being and Supporting Contexts: A Comparison of Adolescents in Ireland and Florida. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 19, 299-320.
- Conselho Nacional de Educação. (2016). Estado da Educação - 2015. Manuel Miguéns, (coord). *Estado da Educação 2015*. Lisboa. Conselho Nacional de Educação.
- Piko, F. B., & Kovács, E. (2010). Do parent and school matter? Protective factors for adolescent substance use. *Addictive Behaviors*, 35, 53-56.
- Roberts, C., Currie, C., Samdal, O., Currie, D., Smith, R., & Maes, L. (2007). Measuring the health behaviours of adolescents through cross-national survey research: recent developments in the Health Behaviour in School-aged Children (HBSC) study. *Journal of Public Health*, 15(3), 179-186.
- Roth, J., & Brooks-Gunn, J. (2000). What do adolescent need for healthy development? Implications for youth policy. *Social Policy Report*, 14(1) 3-19.
- Ruini, C., Ottolini, F., Tomba, E., Belaise, C., Albieri, E., Visani, D., et al. (2009). School intervention for promoting psychological well-being in adolescence. *Journal of Behaviour Therapy and Experimental Psychiatry*, 40,522-532.
- Suldo, S., Shaffer, E, J., & Riley, K, N.(2008). A Social – Cognitive- Behavioral Model of Academic Predictors of Adolescents’ Life Satisfaction. *School Psychology Quarterly*,23, 56-69.
- Varasteanu, C., & Iftime, A. (2013). The role of the self-esteem, emotional intelligence, performance triad in obtaining school satisfaction. *Procedia, Social and Behavioral Sciences*, 93, 1830-1834.
- Yibing, Li., et al (2011). The role of school engagement in preventing adolescent delinquency and substance use: a survival analysis. *Journal of Adolescence*, 34, 1181-1192.
- Wu, G., Chong, M., Cheng, A., & Chen, T. (2007). Correlates of family, school an peer variables with adolescent substance use in Taiwan. *Social Science & Medicine*, 64,2594-2600.

Inês Nobre Martins Camacho

ORCID: 0000-0002-0454-4107

Marta Sofia Pereira dos Reis

ORCID: 0000-0002-9351-6617

Equipa Aventura Social/Faculdade de Motricidade Humana

Instituto de Saúde Ambiental ISAMB

Gina Maria Quinás Tomé

ORCID: 0000-0002-4440-6868

Cátia Branquinho

ORCID: 0000-0002-2877-4505

Equipa Aventura Social/Faculdade de Motricidade Humana

Margarida Gaspar de Matos

ORCID: 0000-0003-2114-2350

Equipa Aventura Social/Faculdade de Motricidade Humana

Instituto de Saúde Ambiental ISAMB

William James Research Center WJRC/

Instituto Superior de Psicologia Aplicada ISPA

Universidade de Lisboa

[inmcamacho@gmail.com](mailto:inmcamacho@gmail.com)